Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática
ISSN 2594-9179

DOI: https://doi.org/10.48075/ReBECEM.2025.v.9.n.1.33743

AS PAREDES FALAM: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO FÍSICO ESCOLAR DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO I DA QUÍMICA LICENCIATURA

THE WALLS SPEAK: AN ANALYSIS OF THE SCHOOL'S PHYSICAL SPACE DURING SUPERVISED INTERNSHIP I IN UNDERGRADUATE CHEMISTRY

Lucas Eduardo da Silva[1]

David Pereira Faraum Junior[2]

Resumo: Na formação inicial de professores, a observação do espaço escolar é fundamental, assim, este trabalho objetiva analisar, a partir das teorizações foucaultianas, o espaço físico do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco (PREMEN), que foi o campo do estágio de observação durante a disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado I de Química Licenciatura. Observamos, por meio de uma pesquisa de campo, as principais técnicas de disciplinamento elencadas por Foucault (2013): cerca, quadriculamento, localizações funcionais, filas e o horário. Outros artifícios de disciplinamento e autoridade se mostraram presentes, denotando o papel autoritário desde a criação do projeto escolar. Carregada de significâncias e intencionalidades do período moderno, a Escola possui papéis delineados e claros que evidenciam a necessidade de controle, de poder concentrado e de disciplinamento, todas essas ideias atreladas ao ambiente de aprisionamento. Vale pontuar, que este trabalho não objetiva desqualificar a instituição Escola, mas promover discussões em torno das estruturas escolares.

Palavras-chave: Arquitetura Escolar; Disciplina; Foucault.

Abstract: In initial teacher training, observing the school environment is fundamental, thus, this work aims to analyze, based on Foucault's theories, the physical space of the Colégio Estadual Presidente Castelo Branco (PREMEN), which was the field of the observation internship during the Teaching Practice and Supervised Internship I in Chemistry. Through field research, we observed the main disciplining techniques listed by Foucault (2013): fencing, gridding, functional locations, queues and the timetable. Other artifices of disciplining and authority were present, denoting the authoritarian role since the creation of the school project. Loaded with meanings and intentions from the modern period, the school has clear and delineated roles that show the need for control, concentrated power and disciplining, all of which are linked to the environment of imprisonment. It is worth pointing out that this work does not aim to disqualify the school institution, but rather to promote discussions around school structures.

Keywords: School Architecture; Discipline; Foucault.

Este artigo deriva de um trabalho completo apresentado no VIII Congresso Paranaense de Educação em Química e encontra-se em uma versão mais ampliada, revisada e detalhada.

[1] Licenciando em Química pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). lucas.silva80@unioeste.br

[2] Doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor no curso de Química Licenciatura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). davidfaraum@gmail.com.

1 Introdução

Inserida em contexto social, econômico, histórico e cultural, a Escola é uma reflexão direta daquilo que age com (e sobre) ela, seja em aspectos mais latentes, como regras comuns, até aspectos mais relevantes, como a própria construção estrutural, até porque "a sala de aula que um professor vai trabalhar não está isolada no mundo, ela se encontra dentro de uma escola que tem seus valores bem estabelecidos" (Carvalho, 2012, p. 3). Tais valores são oriundos das mais diversas intencionalidades e afetam diretamente a prática docente, a vivência e convivência no âmbito escolar.

Nesse sentido, é importante que os estudantes dos cursos de formação docente inicial conheçam as intencionalidades que permeiam a Escola, seus objetivos e sua história como invenção e construção humana. Para tanto, nosso olhar para esta instituição não pode ser feito apenas de maneira a unicamente relatar a realidade, mas também de análise, inferindo reflexões a partir de suas estruturas e disposições.

Dentre as atividades desenvolvidas na disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado I, está o estágio de observação, em que fomos guiados por seis etapas a partir de Carvalho (2012). Assim, a primeira etapa era justamente observar o espaço físico/material escolar a partir de problemas, cuja respostas, em sua maioria, apresentam dados quantitativos.

No entanto, defendemos que, no tange uma análise da estrutura física escolar, é preciso ir para além do quantitativo, ou seja, consideramos importante quantificar o número de salas, observar a infraestrutura dos laboratórios de ciência e informática entre outros recursos e espaços, mas também almejamos expandir as discussões provenientes das estruturas visualizadas, assumindo as teorizações foucaultianas de análise, visto que a escola possui uma intencionalidade, caracterizando-se assim como uma tecnologia (Sibilia, 2012).

Segundo Veiga-Neto (2017), Foucault foi o melhor intelectual em mostrar como as práticas e saberes vêm funcionando nos últimos quatro séculos para fabricar a Modernidade e o sujeito moderno. Foucault (2008, 2013, 2014, 2016) apresenta os processos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos como resultado do processo de objetivação, que se dá nas instituições de sequestro, como por exemplo, a prisão, e aqui

neste trabalho atrelamos as análises desta instituição para o contexto escolar, uma vez que a Escola também nos captura, nos divide e nos classifica.

Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar, a partir das teorizações foucaultianas, o espaço físico do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco (PREMEN)[3] localizado na cidade paranaense de Toledo, que foi o campo do estágio de observação, durante as atividades da disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado I do curso de Química Licenciatura[4] de uma universidade pública estatual do oeste do Paraná.

2 Procedimentos metodológicos

Este trabalho tem características de uma pesquisa de campo, uma modalidade em que a fonte de dados é o próprio campo onde ocorrem os fenômenos, que no caso das pesquisas na educação, o campo são os espaços educativos (Tozoni-Reis, 2009). Segundo a mesma autora, a pesquisa de campo em educação se caracteriza pela ida do pesquisador ao campo, em que uma das técnicas mais utilizadas, e que foi justamente a que utilizamos, é a observação, que consiste no pesquisador assumir "o papel de observador sem nenhuma intervenção intencional no fenômeno observado" (Tozoni-Reis, 2009, p. 29). A carga horária total da etapa do estágio de observação foi de 20 horas, não ultrapassando 5 horas semanais, conforme estipulado na documentação do estágio curricular obrigatório assinada entre a universidade e o Núcleo Regional de Educação (NRE) de Toledo. Os registros das observações foram escritos e registrados em um diário de campo, e também fotográficos, sendo estes últimos justamente o corpus desta pesquisa.

Vale mencionar, que as observações no campo de estágio foram subsidiadas por discussões teóricas e metodológicas realizadas anteriormente em sala de aula na disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado I, assim as observações e

[3] Decidimos manter o nome do colégio, pois as informações e imagens trazidas neste trabalho são parecidas com as que estão de domínio público, como nas das reportagens jornalísticas da história do colégio, e das do site oficial de consulta das escolas do Paraná: (http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas-java/pages/templates/initial2.jsf;jsessionid=T4EGHGK3jclRfIzL8yeSdIHteOzwvh5po1PoarkJ.sseed75003?windowId=356&codigoEstab=13&codigoMunicipio=2790).

[4] Para a realização das atividades no espaço escolar, um Termo de Compromisso (Resolução Nº 250/2021-CEPE) foi assinado pela unidade concedente (PREMEN), bem como, segundo o mesmo termo, um Plano de Estágio foi apresentado à direção da escola, em que dentro das atividades estava o estágio de observação, sendo um dos objetivos reconhecer os aspectos culturais e históricos dos edifícios escolares, pela sua arquitetura fruto das relações sociais e processos históricos desenvolvidos na sociedade. Estes documentos estão inseridos ao protocolo 19.522.655-5, cujas autenticidades foram validadas eletronicamente pelo e-protocolo.

análises do espaço físico escolar apresentadas nesta pesquisa, foram guiadas pelo estudo teórico das ideias de Foucault (2013).

Para realizar as observações e análises do espaço físico do PREMEN partimos não de um método foucaultiano ou uma teoria foucaultiana, uma vez que Veiga-Neto (2017) considera mais adequado falarmos em teorizações[5] foucaultianas para analisar os discursos, que para Foucault (2008; 2014) consistem em modos de constituição de regimes de verdades, que podem ser produzidas, controladas e reguladas, e seleciona o que se encontra ou não na ordem dos discursos, por mecanismos de inclusão e exclusão. Em Vigiar e punir, ele "coloca toda a ênfase na busca do entendimento acerca dos processos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos como resultado de um intrincado processo de objetivação que se dá no interior de redes de poderes, que os capturam, dividem, classificam" (Veiga-Neto, 2017, p. 55).

Nesse sentido, buscando similitudes entre a análise das prisões feita por Foucault (2013) e a Escola, entendemos a mesma como um dispositivo, que segundo Foucault é um espaço regulador de relações:

> [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2016, p. 364).

Vale pontuar, que Michel Foucault se alinha ao pensamento pós-moderno, pois amplia/pulveriza o conceito moderno de razão. Não existe qualquer entidade subjetiva a priori: espírito, Deus, razão, uno, ideia, consciência etc. Para ele, é no mundo concreto discursivo e não discursivo que podemos buscar as origens das práticas discursivas e não discursivas e analisar as transformações que elas sofrem. Foucault se amarra senão em suportes provisórios, contingentes, mutáveis, sempre na superfície da história (Veiga-Neto, 2017). Portanto, para o filósofo "o sujeito moderno não está na origem dos saberes; ele não é produtor de saberes, mas, ao contrário, ele é um produto dos saberes" (Veiga-Neto, 2017, p. 44).

As prisões, os hospitais, as fábricas, os conventos, as escolas fabricam os sujeitos pelo poder disciplinar, que tem como objetivo "adestrar" as "multidões confusas e inúteis

[5]Segundo Veiga-Neto (2009, p. 86), teorização "é uma ação de reflexão sistemática, sempre aberta/inconclusa e contingente, sobre determinadas práticas, experiências, acontecimentos ou sobre aquilo que se considera ser a 'realidade do mundo'".

de corpos", e a partir daí, fabricar indivíduos obedientes (Foucault, 2013). A disciplina como instrumento do poder disciplinar dociliza o indivíduo, "fabricando-o", para produzir mais, gerar mais lucros, e evitar de algumas formas que homens e mulheres não se revoltem com o Estado. Para o autor (2013, p. 138), são três os instrumentos responsáveis pelo sucesso do poder disciplinar: "o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação em um procedimento que lhe é específico, o exame".

Portanto, para Foucault (2013) o objetivo da disciplina nada mais é que fabricar corpos úteis, por meio de técnicas específicas. Na sequência, abordaremos as técnicas da **cerca**, do **quadriculamento**, das **localizações funcionais**, das **filas** e do **horário**, utilizadas no PREMEN para distribuir as pessoas no espaço escolar.

3 Algumas análises

Antes de adentrar a análise do espaço físico subsidiada pelas ideias de Foucault (2013), é válido contextualizar historicamente o Colégio Estadual Castelo Branco, conhecido também por PREMEN.

Esta instalação educacional foi inaugurada em 1978 com o nome Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (em sigla, PREMEN), e não possuía habilitação ao Ensino Médio, e sim 4 habilitações aquém: Básicas em Mecânica, Administração, Agropecuária e Saúde, todas estas com duração de 3 anos (Torres, 2018). Esses cursos advieram de uma iniciativa financeira estadunidense, mais especificamente, da Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID, em inglês) que, em acordo com o Ministério da Educação, "incluiu uma série de convênios realizados a partir de 1964, durante o regime militar brasileiro" (Menezes, 2001). Essa consonância, ainda segundo o mesmo autor, objetivava a implantação, por meio de uma profunda mudança, de um modelo educacional tal qual o estadunidense nos âmbitos universitários. Tal aliança visava, segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2010), "injetar recursos financeiros e técnicos na América Latina, com a meta de fomentar a modernização na esperança de que isso esvaziasse o apelo da Revolução", ou seja, uma medida anticomunista em vista da Revolução Cubana de 1959.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2022 do PREMEN (Brasil, 2022), existem dezenove salas de aula, nas quais dezesseis delas são equipadas com quadro branco, quarenta conjuntos de carteiras escolares, um jogo de mesa para o professor, mural do estudante, TV multimídia, aparelho de DVD, projetor multimídia

com internet e conexão HDMI, aparelhos de ar-condicionado, caixa de som para recados simultâneos e câmera de segurança (Brasil, 2022). Esta questão numérica é, novamente, decorrida do problema proposto por Carvalho (2012), que não nos diz muito sobre as intenções veladas pela modernidade. Para tais aspectos aprofundados, começamos por uma visão mais externa.

Em uma análise primeira, temos a imagem aérea do colégio retirada do site de busca Google, na opção *maps* (Figura 1). Nesta, podemos visualizar as quadras de esportes (esquerda inferior), auditório (direita superior) e o corpo central da escola (direita inferior).

Figura 1: Vista aérea do PREMEN
Fonte: Site Google.

Conforme podemos observar na Figura 1, o colégio apresenta um edifício principal, no formato de grande retângulo central, ladeado por três blocos retangulares lânguidos. Aquele trata-se do pátio, onde os estudantes se concentram nos horários de intervalo, enquanto os retângulos em volta são os blocos, onde jazem as salas de aulas, laboratórios e salas de equipes escolares.

O poder disciplinar é invisível, pois é possível vigiar sem ser visto e isso pode manter o indivíduo disciplinado. A disciplina revela-se como método que possibilita o pleno controle e, assim, força a sujeição dos indivíduos, a fim de obter como inevitável resultado uma producente relação de docilidade-utilidade. Busca-se, não obstante, uma "aptidão aumentada" dos indivíduos, mediante a "dominação acentuada" (Foucault, 2013, p. 137) sobre estes.

Essa disciplina reflete uma ideia, que historicamente está intrincada nos processos de criação e desenvolvimento da Escola: a ideia da domesticação do homem selvagem inerente a toda criança. Essa instituição, assim, exerceria essa disciplina para impedir que a criança cresça indisciplinadamente, visto que se isso então ocorresse, essa pessoa "estaria arruinada, sem possibilidade de emenda para os fins buscados pela civilização" (Sibilia, 2012, p. 20). Tal imaginário está também presente em textos e escritos de filósofos como Kant, que em contraposição das ideias de Rousseau, defendia que a selvageria poderia ser substituída pelo disciplinamento (Kant, 1999).

A primeira técnica específica disciplinar que nos deparamos logo ao chegar ao colégio é a **cerca**, que é responsável em produzir um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Foucault (2013) cita os colégios, que surgem inspirados no padrão dos conventos, da mesma forma que o internato se mostra como o regime de educação mais próximo do ideal. A escola, para proteger seu espaço físico, isola-se do exterior, por meio da construção de muros, portões e grades, delimitando seu local, como podemos observar nas Figuras 2 e 3.

Figura 2: Entrada do Colégio
Fonte: Autores (2023).

Com relação a entrada, podemos notar uma fachada baixa com portões vazados. Entretanto, para adentrar ao colégio é necessário passar um segundo portão, de grades quadradas e com uma trava magnética ativada por controle pelo funcionário que fica para o lado de dentro deste portão (Figura 3).

ReBECEM
Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática
ISSN 2594-9179

Figura 3: Portão de entrada
Fonte: Autores (2023).

Outra técnica disciplinar é a **clausura**, ou **quadriculamento** que objetiva "repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, retirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar os seus corpos, codificar o seu comportamento contínuo" (Foucault, 2013, p. 173). No colégio PREMEN existem vários ambientes que visam identificar e situar cada indivíduo, de forma a evitar circulações desordenadas, pois é necessário saber quem está presente e quem está ausente, de forma que seja possível encontrá-los. Como é o caso do pátio (Figura 4), que fica localizado no centro da escola.

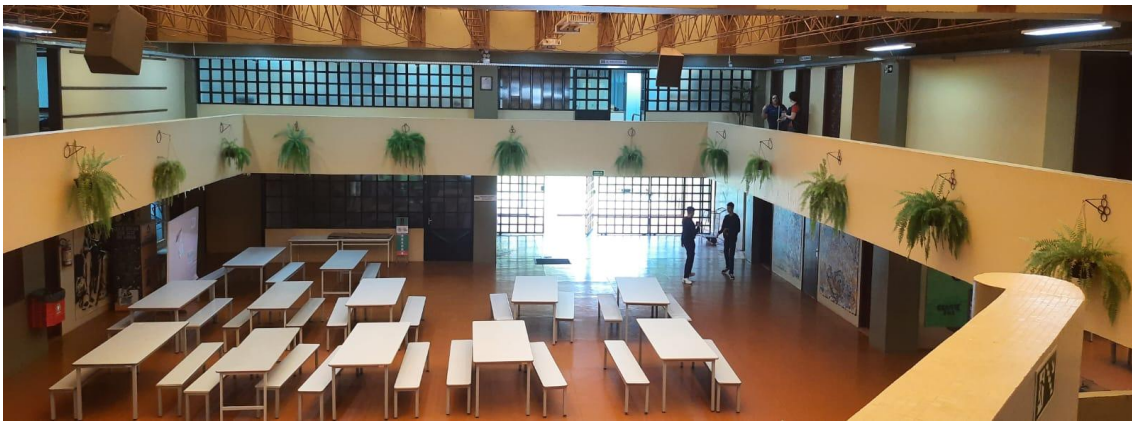

Figura 4: Pátio principal
Fonte: Autores (2023).

A partir da Figura 4 é possível notar um formato de estrutura no qual quem está em cima possui uma ótima visão de quem está embaixo que, se não fosse pelo formato quadricular, seria de fato uma réplica de um Panóptico descrito por Foucault (2013) e conceituado por Moraes e Veiga-Neto (2008) como:

> [...] A figura arquitetural da disciplina [...]. Trata-se de uma torre no centro, de onde se pode observar a totalidade dos seus espaços, permitindo uma

> visibilidade permanente dos comportamentos [...], [onde] cada indivíduo pode ser vigiado permanentemente e tem consciência desse seu estado. (p. 7, acréscimo nosso).

Esta questão é salientada no momento de intervalo (Figura 5).

Figura 5: Pátio principal no momento do intervalo
Fonte: Autores (2023).

Para manter a disciplina também encontramos no PREMEN as **localizações funcionais**, essa técnica visa "não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil" (Foucault, 2013, p. 120). Vale pontuar, que as comunicações perigosas mencionadas por Foucault (2013) são aquelas entre presidiários/detentos, e ao realizarmos uma aproximação para a escola, podemos mencionar os comportamentos ditos inadequados, como estudantes fora da sala de aula, brigas/desentendimentos, aglomerações, ou mesmo para acompanhar o bom andamento das filas da cantina, entrada e saída dos estudantes no banheiro, ou seja, "distribuir os indivíduos num espaço onde se possa isolá-los e localizá-los; mas também articular essa distribuição sobre um aparelho de produção que tem suas exigências próprias" (Foucault, 2013, p. 121).

No PREMEM, encontramos localizações funcionais como as salas da equipe pedagógica, da direção e dos professores, conforme indicadas na Figura 6.

ReBECEM
Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática
ISSN 2594-9179

Figura 6: Sala da equipe pedagógica (à esquerda), da direção (à direita) e dos professores (ao fundo na direita).
Fonte: Autores (2023)

Todas as salas ficam no piso superior que proporciona uma visão panorâmica de todo o pátio escolar e de acesso rápido pela escada ou elevador, como podemos observar no centro da Figura 6. Assim, os pedagogos, diretores e professores podem localizar facilmente grupos de estudantes, como também os estudantes individualmente, um vigiar constante que pode evitar algum tipo de desordem. Esses mecanismos compõem a vigilância hierárquica (Foucault, 2013), que é centralizante e verticalizante, em que "os indivíduos do segmento mais baixo, em maior número, são vigiados (olhados) pelos indivíduos do segmento imediatamente superior, em menor número, e assim progressivamente, até um ponto de acumulação" (Moraes; Veiga-Neto, 2008, p. 5), ou seja, uma rede de vigilância que distribui os estudantes em pontos fixos, colocando-os em um campo permanente de vigiamento, onde poucos vigiam/observam os muitos outros.

A vigilância disciplinar também foi observada em outros ambientes do PREMEN, como por exemplo o acesso às salas de aula, onde os estudantes utilizam os corredores, que são esguios, ao ponto de possibilitar apenas a passagem de duas pessoas lado-a-lado (Figura 7), nos quais as portas das salas jazem em apenas um dos lados, sendo que, na maioria das salas, elas ficam próximas da mesa do professor, estabelecendo a este o papel de controle da entrada e saída de pessoas.

Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática
ISSN 2594-9179

Figura 7: Corredores de acesso às salas de aulas
Fonte: Autores (2023).

Essa restrição da passagem pode ser entendida como uma estratégia de controle no fluxo de pessoas, nas quais, tecnicamente, iriam enfileiradas em sentidos opostos. A **fila** é outra técnica disciplinar. É possível observar que, este controle no fluxo impede uma movimentação desordenada e descompassada, como possíveis corridas, explicitando um molde ao qual o estudante está submetido, visando torná-lo um bom cidadão moderno e humanizado (Sibilia, 2012).

O enfileiramento é realizado para designar cada aluno, segundo sua idade, comportamento ou desempenho. Na Figura 8, podemos observar a disposição em fileiras das carteiras e mesas de uma sala de aula do PREMEN.

Figura 8: Carteiras e cadeiras enfileiradas.
Fonte: Autores (2023).

A fileira tem como objetivo a repartição dos indivíduos. “Individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas distribui-os e os fazem circular numa rede de relações” (Foucault, 2013, p. 122). Na escola, sobretudo após 1762, o nível começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: fileiras de alunos

na aula, nos corredores, nos pátios. Nessa série de alinhamentos obrigatórios, cada aluno, segundo a sua idade, o seu desempenho, o seu comportamento, ocupa um nível; desloca-se incessantemente nesta série de compartimentos (Foucault, 2013). Para além do enfileiramento, o processo de disciplina envolvido na estruturação das salas envolve, segundo Moraes e Veiga-Neto (2008), uma concentração de corpos em um espaço fechado, submetidos a uma organização específica e previamente fixada, pensada de forma a designar especificamente lugar e indivíduo, concomitantemente.

A técnica disciplinar do **horário** no PREMEN pode ser percebida em diversas ações, como por exemplo, no regramento do tempo das aulas e intervalo, e o registro fotográfico que consideramos representativo desta técnica pode ser observado na Figura 9, que apresenta as listas de controle de estudantes que chegavam atrasados e/ou sem uniforme.

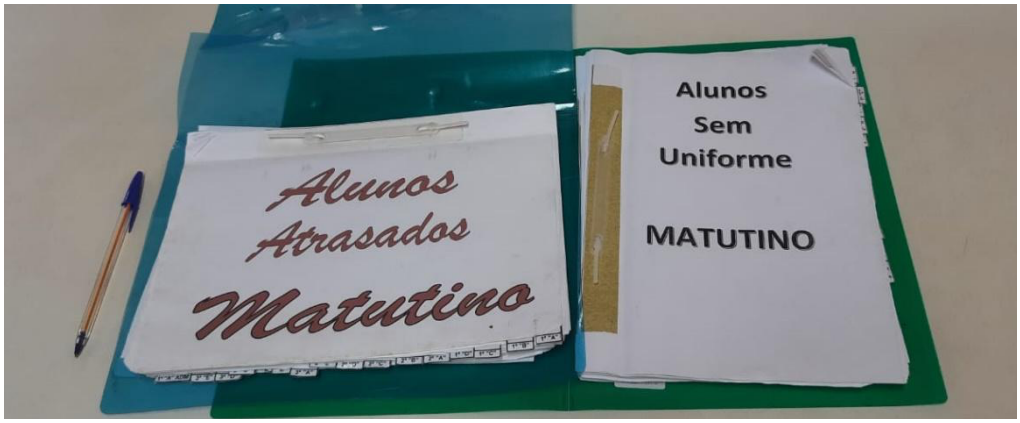

Figura 9: Listas de controle
Fonte: Autores (2023).

Essas duas pastas ficavam na mesa de uma funcionária responsável pelo controle da entrada e saída das pessoas pelo portão principal (Figura 3), e ao ser questionada sobre o uso das pastas, afirmou anonimamente que era ‘necessário por questões de disciplina e segurança’. No controle das atividades, o horário garante “três grandes processos – estabelecimento de ritmos, obrigação de determinadas ocupações, regulação dos ciclos de repetição – apareceram muito cedo nos colégios, nas oficinas e nos hospitais” (Foucault, 2013, p. 124). Dentre os exemplos, o autor cita a fábrica, a igreja e as escolas básicas.

Esses aspectos reafirmam certas intencionalidades primeiras do colégio, objetivos esses já definidos em seu momento de idealização histórica. Impedimento de grande fluxo de pessoas, vigilância nos momentos de intervalo, presença de artigos do cristianismo, entre outros. Cada um desses aspectos é uma mensagem a ser transmitida pela instituição

que, mesmo não mais presente explicitamente em seus documentos oficiais, permanece em sua própria estrutura.

Unindo todos esses indicativos, muito mais explícitos do que implícitos, chega-se à conclusão corroborada por Foucault (2016) de que as medidas de poder, dominação e autoridade se apresentam sem máscaras. Em outras palavras, "dentro da instituição escolar, cada passo do educando é vigiado, para que ele não escape às normas e sempre responda conforme o esperado." (Brighente; Mesquida, 2011, p. 2399).

Sibilia (2012, p. 13) pontua que se olharmos a escola pelo prisma historiográfico, esta instituição ganha contornos de tecnologia, ou seja, um "dispositivo, ferramenta ou um intricado artefato destinado a produzir algo", um corpo disciplinado, 'enculturado', 'civilizado', como encontrado na obra Sobre a Pedagogia, que instaura a escola moderna:

> Na educação o homem deve:
> 1) Ser disciplinado. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria.
> 2) Tornar-se culto. A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e essa é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos [...].
> 3) A educação deve também cuidar que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e que tenha influência. A essa espécie de cultura pertence o que se chama propriamente civilidade. Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servirmos dos outros homens para os nossos fins.
> 4) Deve, por fim, cuidar da moralização (Kant, 1999, p. 25-26).

A modernidade instaura a escola como o local responsável pela humanização do animal da nossa espécie, que tem como meta a de propiciar "o desenvolvimento da humanidade" de maneira cumulativa, uma instituição não só de adestramento, mas também da moralidade, de ensinar a pensar e agir conforme o modo considerado como correto. "A educação escolarizada foi colocada a serviço de uma modernidade que deveria se tornar a mais homogênea e a menos ambivalente possível" (Veiga-Neto, 2003, p. 10). Dessa forma, essa instituição projeta-se por meios disciplinatórios e reguladores que, mesmo conhecendo-os e tendo ciência de seus mecanismos, eles se fazem densamente objetivos, mas "em perfeita concordância com a configuração disciplinar dos estilos de vida e com a inabalável ambição do progresso científico-industrial" (Sibilia, 2012, p. 27).

Entretanto, diante das tecnologias eletrônicas e digitais de vigilância (câmeras, celulares, cartões bancários, redes sociais, entre outras) a escola perdeu sua função panóptica. Além disso, uma das principais características da pós-modernidade é a proliferação de situações em que somos interpelados por dispositivos, instituições e

técnicas de informação, de subjetivação e de disciplinamento, e como resultado vivenciamos um empalidecimento da escola como instituição disciplinar (Veiga-Neto, 2000).

Nesse sentido, Veiga-Neto (2000) sugere que, a comunidade escolar e pesquisadores da área de ensino/educação precisam pensar/discutir com mais clareza, acerca das novas práticas espaço-temporais que somos submetidos, e às quais estamos submetendo nossos estudantes dentro e fora da escola. Isto porque, com a desterritorialização do acesso e produção de conhecimentos, a cultura unificada e fundamentada na difusão e homogeneização dos valores ocidentais "toma a forma de novas identificações heterogêneas e adaptações localizadas, de hibridismos que sintetizam elementos de culturas múltiplas" (Heinsfeld; Pischetola, 2017, p. 1353), que atualmente são mediadas pelo digital. A cultura digital segundo as autoras é o marco cultural que envolve não só os artefatos digitais como também os diferentes sistemas de significação e comunicação da sociedade contemporânea.

A educação ordeira da formação de sujeitos centrados e unos dá lugar a uma educação flexível, fragmentada, múltipla, que lida com a velocidade, com as incertezas e as constantes atualizações. Esse deslocamento contribui para matizar a ideia de lugares de aprendizagem, como defendido pelas pedagogias culturais, uma ferramenta teórica que emergiu das aproximações entre os estudos culturais e a educação, acionada para discutir artefatos da cultura e processos educativos (Andrade; Costa, 2017), visto que "a educação ocorre numa variedade de locais que não somente a escola" (Steinberg, 1997, p. 101).

4 Considerações finais

Diante do exposto, fica evidente a importância do estágio de observação na formação do docente. A partir dele, constatamos que no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco existem estratégias de vigilância, tais como centralização do pátio principal, corredores, entrada controlada, as carteiras das salas em fileiras. Nesse sentido, notamos paridades entre as teorizações foucaultianas e o ambiente escolar, como as técnicas descritas e as estratégias tomadas pelo colégio observado.

Desta forma, mesmo que as observações de Foucault (2013) tenham sido direcionadas para uma instituição diferente (a prisão), notamos similaridades com a instituição analisada, de maneira estrutural e, por consequência, atitudinal. Ao examinar as técnicas de disciplinamento, fica evidente que a escola atua como um dispositivo de

controle que molda não apenas o comportamento dos alunos, mas também o seu aprendizado e desenvolvimento como indivíduos.

A produção de corpos dóceis, como visto, é mantida tanto em razão do período histórico, cujo qual a escola foi construída (refletindo nos aspectos arquitetônicos), quanto em razão do controle da massa dos estudantes (refletindo em políticas internas da instituição). A escola, na produção de corpos disciplinados, opera não só de maneira clara e explícita, mas também intrinsicamente com a sua própria estrutura física e políticas internas, carregando as intencionalidades de tempos passados para as organizações atuais.

Vale pontuar, que este trabalho não objetiva desqualificar a instituição Escola, mas levantar a discussão em torno das estruturas escolares, uma vez que estamos inseridos na sociedade pós-moderna, cujas subjetividades são transitórias, desvelando técnicas que surgiram em tempos modernos e que permanecem mesmo estando no século 21.

Outra questão é que o papel moderador/disciplinar não é produzido apenas pela arquitetura escolar, mas também pelo currículo, como por exemplo, o movimento da Escola sem Partido (ESP), e de seus Projetos de Lei (PL), que segundo alguns autores (Carvalho; Polizel; Maio, 2016; Souza *et al*., 2016, Bagdonas; Azevedo, 2017; Silva *et al*., 2018) ameaçam a liberdade de ensino e de cátedra nas escolas da Educação Básica, uma vez que perseguem professores e temas sociais e escolares, especialmente aqueles que exigem a formação crítica dos estudantes e/ou da apreensão dos conteúdos científicos.

Em relação a apreensão dos conteúdos científicos Santos e Carvalho (2019, p. 715-716) alertam sobre as implicações do movimento ESP para o ensino de Ciências, sendo entre elas as restrições dos conteúdos como: “Origem da Vida e do Universo, Darwinismo, Ecologia e Educação Ambiental, Corpo, Sexualidade, Gênero, Diversidade Cultural, Etnia e Raça, Tecnologias de Vacinação, Prevenção e Tratamentos de Saúde”. Tais restrições impedirão as discussões plurais que envolvam posicionamentos políticos, sociais e culturais que ajudem a compreender e modificar a sociedade que vivemos. Portanto, olhar para o poder disciplinar na Escola é analisar o espaço físico e os jogos de poder da produção dos currículos, que produzirá os corpos/sujeitos da sociedade.

Referências

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, n. 33, 2017.

BAGDONAS, A.; AZEVEDO, H. L. O Projeto de Lei "Escola sem Partido" e o Ensino de Ciências. **ALEXANDRIA**: R. Educ. Ci. Tec., Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 259-277, 2017.

BRASIL. Projeto Político Pedagógico. **Colégio Estadual Presidente Castelo Branco**, Toledo-Paraná, 2022.

BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 10, 2011, Curitiba. **Anais**... Curitiba: PUCPR, 2011.

CARVALHO, A. M. P. **Os Estágios nos Cursos de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CARVALHO, F. A.; POLIZEL, A. L.; MAIO, E. R. Uma escola sem partido: discursividade, currículos e movimentos sociais. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 37, n. 2, p. 193-210, jul./dez. 2016.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

HEINSFELD, B. D.; PISCHETOLA, M. Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. esp. 2, p. 1349–1371, 2017.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: Unimep, 1999.

MENEZES, E. T. Verbete MEC/USAID. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - **EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em https://www.educabrasil.com.br/mec-usaid/. Acessado em: jan. 2024.

MORAES, A. L.; VEIGA-NETO, A. Disciplina e Controle na Escola: do aluno dócil ao aluno flexível. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 4, 2008. **Anais**... Florianópolis: UFSC, 2008. p.1-18.

MOTTA, R. P. S. Modernizando a Repressão: a USAID e a polícia brasileira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, ed. 59, p. 237-266, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/wjJXsMbDd4tYt344xJss8sn/?lang=pt&format=pdf. Acessado em: fev. 2024.

SANTOS, M. S. B.; CARVALHO, F. A. A política do Movimento Escola sem Partido e seus impactos nos conteúdos de ciências e biologia na Educação Básica. **Revista Brasileira De Educação Em Ciências e Educação Matemática (ReBECEM)**, v. 3, n. 3, p. 714-738, 2019.

STEINBERG, S. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C.; SANTOS, E. S. **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997, p. 98–145.

SIBILIA, P. **Redes ou Paredes**: A escola em tempos de dispersão. Editora: Contraponto, 2012.

SILVA, E. *et al*. A "ideologia de gênero" e a "Escola sem Partido": Faces de uma mesma moeda em ações políticas conservadoras no Brasil e no Espírito Santo. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 43, n. 3, p. 615-631, 2018.

SOUZA, A L. S. *et al*. **A ideologia do movimento Escola sem Partido**: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

TORRES, P. **Câmara aprova moção pelos 40 anos do Premen**. [S. l.], 2018. Câmara Municipal de Toledo. Disponível em: https://www.toledo.pr.leg.br/assessoria-de-imprensa/noticias/camara-aprova-mocao-pelos-40-anos-do-premen. Acessado em: jan. 2024.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

VEIGA-NETO, A. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: CANDAU, V. M. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 9–19.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 5–15, 2003.

VEIGA-NETO, A. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de educação**, n. 34, p. 83-94, 2009.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Recebido em: 11 de julho de 2024

Aceito em: 26 de fevereiro de 2025